



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

KEILA DE SOUZA FREITAS

**BRINCADEIRAS DE RUA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RESGATE DAS
VIVÊNCIAS DOS ALUNOS**

Castanhal-PA
2019

KEILA DE SOUZA FREITAS

**BRINCADEIRAS DE RUA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RESGATE DAS
VIVÊNCIAS DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal, como requisito parcial para obtenção do Diploma de Licenciatura em Educação Física. Sob orientação da professora Dra. Lilian Silva de Sales.

Castanhal-PA
2019

KEILA DE SOUZA FREITAS

**BRINCADEIRAS DE RUA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RESGATE DAS
VIVÊNCIAS DOS ALUNOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Federal do Pará do Campus de Castanhal, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física. Sob a orientação da Professora Dra. Lilian Silva de Sales.

Data de aprovação: ___/___/___.

Banca Examinadora:

_____ **Orientadora**
Dra. Lilian Silva de Sales - UFPA

_____ **Examinador(a)**
Dra. Darinez de Lima Conceição - UFPA

_____ **Examinador(a)**
Dra. Dalva de Cássia Sampaio dos Santos - UFPA

DEDICATÓRIA

A minha querida e amada mãe por ser o meu
exemplo de força, mulher batalhadora, eu nada
seria sem você na minha vida!

Ao meu pai, homem honesto, que me ensinou
a ser uma pessoa de caráter!

Essa conquista, em mais uma fase da minha
vida, eu dedico a vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus pela dádiva do meu existir, por ter iluminado os meus caminhos e me direcionado ao lugar certo, mostrando que nessa vida há um lugar especial para todos, só temos que batalhar.

Aos meus pais Marli Freitas e Carlos Alberto pelo apoio incondicional e por me guiarem nessa trajetória da minha vida, mesmo eu estando tão ausente.

A minha orientadora Dra. Lilian Sales pelo carinho, compreensão e esclarecimentos necessários à construção deste trabalho, que Deus a abençoe sempre.

Aos meus irmãos Kely Freitas e Carlos Elivelton pelo apoio, vocês também são a razão da minha luta, os melhores amigos que Deus me proporcionou.

A você Carlos Marques, homem sábio, por não acreditar que o homem um dia foi à lua, mostrando a mim que precisamos ser questionadores. A vida é mais bonita com você.

A instituição UFPA, pelo seu valoroso trabalho na formação dos discentes, uma universidade pública que trabalha arduamente para a construção do saber.

A instituição PMPA, a qual tenho a honra de servir, pela compreensão em todo esse período de minha formação.

As amigadas que fiz durante esses quatro anos, pelos momentos alegres que compartilhamos, pelo apoio na construção dos trabalhos acadêmicos, obrigada por tudo “euzébias”.

Aos docentes que fizeram parte dessa caminhada e contribuíram nesse longo processo de aquisição do conhecimento para minha formação profissional.

A todas as pessoas que Deus colocou em meu caminho e de alguma forma contribuíram para essa realização.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção”.*

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi verificar se as brincadeiras de rua, que fazem parte do cotidiano dos alunos, estão sendo utilizadas no processo de ensino e aprendizagem como metodologia para a aquisição de novos saberes. Participaram do estudo 07 professores de Educação Física da rede municipal de Castanhal, os quais ministram aulas nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo 02 mulheres e 05 homens, com faixa etária média de 35 anos. Foi realizada uma entrevista semiestruturada, onde o foi feito a captação do áudio de todas as entrevistas, sendo que para a análise dos dados obtidos foi utilizado a técnica de análise de conteúdo apresentada por Bardin (1977). Os resultados da pesquisa mostraram que os professores utilizam as brincadeiras, praticadas pelos alunos no cotidiano, no processo de ensino e aprendizagem e que valorizam esses conhecimentos adquiridos através das vivências dos alunos, os quais fazem parte de suas culturas. Podemos concluir que as brincadeiras de rua estão presentes no ambiente escolar, mostrando que existe uma preocupação por parte dos professores em relação a considerar as experiências dos alunos no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Brincadeira de Rua, Cultura Popular, Ensino e Aprendizagem, Lúdico.

ABSTRACT

The objective of the present study was to verify if the street plays, which are part of the students' daily life, are being used in the teaching and learning process as a methodology for the acquisition of new knowledge. Twenty-seven Physical Education teachers from the municipal network of Castanhal participated in the study, who taught classes in the initial years of elementary school, being 02 women and 05 men, with an average age of 35 years. A semi-structured interview was carried out, where the interview was recorded, and the content analysis technique presented by Bardin (1977) was used to analyze the data. The results of the research showed that teachers use the games, practiced by students in daily life, in the process of teaching and learning and that value the acquired knowledge through the experiences of students, which are part of their cultures. We can conclude that the street plays are present in the school environment, showing that there is a concern on the part of the teachers regarding to consider the experiences of the students in the learning process.

Keywords: Street Play, Popular Culture, Teaching and Learning, Playful.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 METODOLOGIA.....	10
3 BRINCADEIRAS DE RUA E A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
3.1 O LÚDICO.....	16
3.2 CULTURA POPULAR.....	19
3.3 O ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	21
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE 1.....	33
APÊNDICE 2.....	34
ANEXO 1.....	35

1. INTRODUÇÃO

As brincadeiras de rua estão de alguma forma presentes na vida das crianças, seja como observadores ou como participantes ativos desse processo, elas fazem parte do seu cotidiano, dos seus momentos de lazer, fazem parte da vida, das tradições que atravessam gerações, enfim, fazem parte da cultura de um povo e proporcionam uma interação única entre as crianças, ensinando esses seres a respeitar as diversidades e adquirir inúmeros conhecimentos, promovendo o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo dessas crianças.

Segundo Pinto e Lopes (p.867, 2009) a rua se apresenta como um espaço de transição entre casas, escolas e praças, sendo também um lugar onde acontecem diversos eventos e relações sociais, as quais envolvem variados tipos de pessoas e com idades diferentes, não somente as crianças, mas também os adultos, ajudando a construir valores inerentes à vida humana.

Pode-se perceber que esse ambiente proporciona uma interação social entre os seres humanos, possibilitando aos mesmos uma transmissão de conhecimentos, de valores e de culturas. É um espaço onde tem a ocorrência de variados eventos, de variadas manifestações culturais, as quais podem e devem ser entendidas como algo de extrema relevância à vida do ser humano, podendo contribuir de maneira significativa para sua formação e para a propagação das diversidades culturais.

Segundo Brandão (1981) o espaço educacional não é apenas considerado o ambiente escolar, pode ser também entendido como o lugar da vida e do trabalho, sendo compreendido como o espaço da casa, da oficina, o barco, o mato, o quintal. Espaços estes que reúnem variadas pessoas e diferentes tipos de atividades, construindo nesses lugares saberes inerentes à vida humana e aprimorando as relações interpessoais.

Os saberes são disseminados entre as pessoas através de suas relações interpessoais, tornando-se bastante relevante o fortalecimento dessas relações, dando o devido valor à convivência social, para que juntos possam transmitir conhecimentos e trabalhar para a construção de outros, possibilitando a permanência das diversas culturas e garantindo aos indivíduos o repasse de suas tradições.

A educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome (BRANDÃO, 1981), os diversos lugares algumas vezes não são

compreendidos como sendo possibilidades para a construção de saberes, mas a educação pode ocorrer em qualquer lugar, a qual pode se dar até mesmo através de uma conversa entre amigos em uma praça.

Percebe-se uma certa desmotivação de algumas crianças em relação à participação nas aulas de educação física, da metodologia do professor em repassar determinados conteúdos que na maioria das vezes se tornam monótonos, não seria diante dessa situação, as brincadeiras conhecidas pelos alunos uma forma de motivá-los, de trazê-los para a aula de uma forma não obrigada, alegre e ao mesmo tempo construtiva, onde os mesmos seriam participantes ativos desse processo, trabalhando juntamente com o professor para a construção do saber.

As brincadeiras populares estão sendo usadas pelos professores de educação física na organização do trabalho pedagógico? Colocá-las como forma de melhorar a assimilação do conhecimento podem trazer bons resultados? O elemento lúdico presente nessas atividades podem motivar os alunos? Será que o professor está levando em consideração as experiências que os alunos trazem? Diante dessa situação o estudo vem tentar identificar se realmente essas atividades são convenientes e oportunas no processo de ensino e aprendizagem da educação física e se estão sendo usadas, no ambiente escolar, como ponto de partida para a aquisição de novos saberes e como forma de valorização da cultura desses alunos, das experiências que os mesmos já trazem para o ambiente de ensino.

A pesquisa justifica-se para reafirmar a função da brincadeira como elemento importante no processo de ensino, pois trás junto a ela o elemento lúdico e as vivências. Leva em consideração a realidade ao qual esses seres estão inseridos, valorizam suas culturas e respeitam suas individualidades. Além da precariedade de estudos que trazem as brincadeiras de rua como forma de fazer com que os alunos participem ativamente na construção do conhecimento, fazendo também com que ocorra uma transmissão cultural, pois a escola é um espaço repleto de diversidades culturais.

A pesquisa vem dialogando em seus capítulos sobre as brincadeiras de rua e a educação física, sobre o elemento lúdico como fator inerente ao ensino da criança, sendo que a cultura popular também vem ocupando lugar de destaque; pois é possível perceber que as brincadeiras de rua são fenômenos culturais e também vem trazendo conceitos relacionados ao aluno como participante ativo na construção do conhecimento.

2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, descritiva e com entrevista semi estruturada, de acordo com Minayo (2012) a análise qualitativa tem como verbo principal a palavra compreender, onde é possível colocar-se no lugar do outro, levando em consideração a singularidade de cada indivíduo, sendo que em toda compreensão há uma possibilidade de interpretação.

A pesquisa qualitativa é descritiva, a palavra escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção de dados quanto na disseminação de resultados (GODOY, 1995, p.62), fazendo com que os dados obtidos sejam descritos, analisados e interpretados de maneira a fazer com que o leitor compreenda os resultados encontrados.

Na entrevista semiestruturada o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, ao mesmo tempo em que permite respostas livres e espontâneas do informante (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999, p.133). É possível verificar diante do que foi apresentado que a entrevista dentro desse parâmetro permite uma diversidade de caminhos que o entrevistado pode seguir, sendo que o mesmo tem certa liberdade perante esse contexto.

Foram entrevistados 07 professores de educação física, que atuam no ensino público da rede municipal de Castanhal, de ambos os sexos, sendo 05 homens e 02 mulheres, os quais ministram aulas nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), com média de idade de 35 anos, todos com vínculo efetivo no município, sendo que 02 deles possuem outra graduação, 04 possuem pós-graduação e dois não possuíam nenhuma outra formação. Os participantes do estudo foram escolhidos com base no critério de conveniência e oportunidade.

Foram excluídos do estudo os professores que estavam na condição de contratado temporário. Segundo a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) o município de castanhal atualmente possui 64 escolas que atuam nos anos iniciais do fundamental, com 31 professores de educação física efetivos, os docentes contactados se disponibilizaram a participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo que 03 dos entrevistados atuavam em mais de 01 escola da rede municipal.

As entrevistas foram gravadas para que os dados obtidos pudessem ser analisados na íntegra, cada uma durou em média 20 minutos, todas realizadas no ambiente escolar, sendo a

maioria delas ocorrida nos intervalos para o recreio, todos os professores eram dotados de grande experiência, sendo que já atuavam na área da educação física há mais de 09 anos e todos realizaram a graduação em faculdades públicas (UEPA/UFPA).

Os dados foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (1977), o qual sugere uma divisão realizada em três diferentes setores, sendo em um primeiro momento a pré-análise do conteúdo, em seguida a exploração do material e por fim a interpretação dos resultados. Essa forma de organização permite uma melhor compreensão dos dados obtidos.

A pré-análise caracteriza-se como a fase em que se pode fazer uma leitura flutuante do material, para se ter uma ideia prévia dos dados encontrados e começar o processo de organização dos mesmos, elaborando indicadores para uma fundamentação na interpretação final dos resultados. Portanto, esse é o momento da organização, a abertura do caminho para se chegar ao objetivo final.

A exploração do material é o segundo momento a ser trabalhado, aqui ocorre a codificação do material já organizado na pré-análise, onde é possível um maior entendimento dos dados colhidos. Ocorre nessa fase uma transformação do material, onde os dados brutos serão moldados e possibilitará uma compreensão mais completa, essa transformação permitirá também a representação do conteúdo e os esclarecimentos necessários para a continuidade do trabalho.

O tratamento dos dados obtidos e a interpretação é o momento da finalização, onde os resultados tidos como brutos são considerados significativos e válidos, a partir desse momento pode-se propor inferências e realizar as interpretações, podendo nessa fase chegar a descobertas de determinadas coisas. Nessa fase podem ocorrer situações como síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretação.

Diante do que foi apresentado o estudo de Bardin (1977) mostra-se viável para realizar análises de pesquisas qualitativas, pois proporciona aos autores a interpretação dos resultados e possibilita um campo bem amplo para fazer a exploração do conteúdo coletado, fazendo com que o estudo mostre na íntegra o que conseguiu obter, fundamentando assim as suas conclusões. Foram utilizados nomes fictícios para os professores na descrição dos resultados obtidos.

3. BRINCADEIRAS DE RUA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

As brincadeiras possibilitam diversas vivências às crianças, quando aplicadas no ambiente escolar essas atividades podem ser ainda mais ampliadas, possibilitando ao aluno liberdade para expressar seus pensamentos, mostrar sua real identidade, aquilo que o constrói, seus medos e dificuldades. Permite também um convívio social único, ampliando amizades, o conhecimento e desenvolvendo habilidades motoras e cognitivas.

A brincadeira é uma atividade muito presente na infância e se caracteriza como um dos principais processos em que são desenvolvidas as capacidades e potencialidades da criança. Pelo brincar as crianças testam suas habilidades, exercitam suas potencialidades e lidam com situações de interação social, elaboração de estratégias e resolução de conflitos. Os momentos de brincadeiras livres no ambiente escolar fornecem para os professores e profissionais da saúde condições para conhecerem o ritmo de cada criança, as necessidades infantis e os níveis de desenvolvimento de cada indivíduo. (CORDAZZO et al., 2008, p. 429)

Os autores deixam bastante claro alguns benefícios trazidos pelas brincadeiras, as quais fornecem um ambiente propício para um bom desenvolvimento das crianças, para que mostrem seus potenciais e exercitem suas habilidades. Em relação aos professores é uma metodologia que pode se utilizada com bastante proveito, uma ferramenta crucial no ensino e aprendizagem, onde o docente terá a possibilidade de conhecer os seus educandos e suas necessidades.

Em um primeiro momento esse trabalho do professor como observador enquanto os discentes praticam suas brincadeiras, torna-se um período de tempo importante, pois servirá como facilitador quando o professor vier a intervir nesse processo de construção do conhecimento. Entendendo as particularidades de cada um ele terá a oportunidade de escolher uma metodologia que irá facilitar essa aquisição do conteúdo pelos alunos e terão um desenvolvimento mais equilibrado.

O recreio também é um momento em que o professor poderá observar as formas de organização espontânea dos alunos, pois neste intervalo os discentes estão fora do ambiente da sala de aula e poderão se expressar de diversas maneiras, não se preocupando com o educador, dessa forma seus comportamentos, atitudes, interação social e as brincadeiras que praticam e fazem parte de suas culturas também podem ser expressadas de uma forma bastante espontânea.

Conhecer as individualidades dos seres humanos e respeitar o seu tempo de aprendizagem é um procedimento que se mostra eficaz no ambiente escolar. Os educadores

precisam compreender que cada aluno é um ser único, que tem diversas diferenças em relação aos outros, sendo que essas particularidades precisam ser entendidas pelo professor e levada em conta no processo de ensino-aprendizagem, ele precisa compreender que cada discente irá adquirir o saber em um tempo distinto, uns assimilarão rapidamente, já outros mais lentamente, alguns chegarão a não entender o que foi repassado, cabendo ao professor nessa situação utilizar a metodologia mais adequada para com esse aluno.

Segundo Cordazzo et al. (2008) o observador das crianças, enquanto método de conhecê-las deve evitar uma intervenção direta em relação ao brincar das mesmas, precisando deixá-las livres para criarem e recriarem, essa situação é necessária para impedir que os alunos façam questionamentos ao professor em relação à brincadeira, ficando assim a maioria deles alienados ao que o docente disse a respeito, o que causaria uma quebra do elemento observador em um primeiro momento, passando a ser diante disso um mediador.

O professor, ao aplicar as brincadeiras de rua nas aulas de educação física, terá a oportunidade de observar o aluno na execução de algo que o mesmo já conhece, permitindo ao educador certo conhecimento da personalidade de cada um e as individualidades em relação ao desenvolvimento motor e cognitivo, o que facilitará o caminho a ser percorrido no decorrer da aprendizagem. Para Pimentel (2015) as brincadeiras de rua exigem algumas habilidades motoras, cognitivas e comunicacionais, como por exemplo: pular corda, pular elástico, pira-pega, jogo de gude, cinco cortes e sete pedras, sendo que as habilidades motoras apresentam-se como característica principal.

Essa observação será um momento importante, pois a partir dessa situação ele irá perceber as dificuldades e particularidades dos alunos e construirá uma aula com uma metodologia lúdica, que inclua a todos, a partir dos conhecimentos dos alunos e adicionará novas propostas às já construídas, para que os discentes superem as dificuldades e desenvolvam-se.

Segundo Cerqueira (2006, p.29) a aprendizagem ocorre através de uma interação entre informação, conhecimento e saber. Esse saber é constituído a partir das experiências e vivências do nosso cotidiano, e as primeiras aprendizagens acontecem nas relações familiares e depois quando passamos a frequentar a escola ampliamos nossas relações sociais e estendemos nosso horizonte em relação ao saber.

A rua possibilita diversas vivências aos seres humanos e as brincadeiras de rua estão dentro desse contexto, as quais promovem uma interação entre as pessoas, o conhecimento de outras culturas, ensinado as crianças a conviver com as diferenças e respeitá-las. Enfim ajudam nesse processo de convívio social, e trazer essas brincadeiras para o ambiente escolar, através das aulas de educação física, irá proporcionar às crianças momentos lúdicos e a aprendizagem se tornará harmoniosa, pois o aluno estará diante de sua realidade, dos seus conhecimentos adquiridos.

As crianças quando chegam à escola já encontram um sistema de ensino preparado para recebê-los, as aulas já estão pré-estabelecidas e os conteúdos a serem ensinados também já estão determinados, os professores já sabem o caminho a percorrer até o final do ano letivo, sendo que por vezes os docentes ficam presos a uma metodologia de ensino, a um modo de ensinar, não possibilitando ao aluno uma participação ativa no decorrer desse processo.

Os professores precisam deixar os alunos com certa liberdade, ao ponto que os mesmos cheguem a instigar seu próprio senso crítico, a enxergar suas dificuldades e entender suas limitações, o aluno precisa conhecer a si mesmo para começar a construir sua base sólida em relação ao futuro, ao enfrentamento de obstáculos que a vida irá impor a esses seres que estão em uma fase de construção da personalidade e desenvolvimento de diversos aspectos físicos e cognitivos.

Segundo Palma et al. (2015, p.106) os conhecimentos que as crianças adquirem a partir dos jogos e brincadeiras praticadas em casa, no centro comunitário, na rua e no clube, não só podem ser considerados como ponto de partida para a aquisição de novas aprendizagens no ambiente escolar, mas também devem ser vistos com esse olhar, ou seja, é um poder-dever de agir diante dessas situações.

Podemos verificar que existe uma manifestação favorável em relação a considerar a especificidade do aluno no procedimento de ensinar, de transmissão do conhecimento. Ao iniciar todo esse processo levando em consideração essas experiências, os docentes estão valorizando as diversidades culturais existentes na realidade dos seres humanos, estão fazendo com que o aluno aprenda o que o docente quer ensinar, mas não somente isso, está os fazendo irem além, ampliando seus horizontes e solidificando suas bases.

Essa ampliação dos horizontes é importante em todo o processo de aquisição do saber, pois são elementos de instigação, que incitam o aluno a buscar o conhecimento, a não só

esperar pelo professor e ser um mero receptor, ele é um ser que constrói e destrói ao mesmo tempo, isso acontece porque o conhecimento está em constante transformação, as informações se renovam, outras se tornam obsoletas, ou seja, esse processo que envolve conhecimento é contínuo e está a todo momento se transformando.

A liberdade citada relaciona-se no aspecto de deixar os alunos praticarem suas vivências, ampliarem a criatividade, desenvolverem o seu movimentar, a coordenação motora. Deixar os alunos praticarem suas brincadeiras é permiti-los viver a sua infância, sendo essas práticas inerentes a esse período tão cheio de descobertas. Essas atividades em alguns casos não são vivenciadas por algumas crianças, sendo que a educação física escolar coloca-se como forma de resgatar essas atividades e levar ao conhecimento daqueles que não conhecem ou que às vezes até conhecem, mas não praticam.

A educação física mostra-se como ferramenta importante, pois ela pode fazer com que essas vivências não sejam esquecidas, colocadas de lado e vistas como algo não importante. Além disso, o professor terá a oportunidade de verificar o quanto o seu aluno está desenvolvido em relação à coordenação motora, a seu aspecto social, fazendo com que os discentes tenham uma interação entre si e executem as tarefas propostas pelo professor espontaneamente.

O docente pode fazer um papel de observador, verificando como as crianças se comportam, como interagem com os outros, as ideias que propõem diante de determinadas brincadeiras, enfim, é um momento de conhecer o aluno. Diante disso o professor conhecerá certas dificuldades dos estudantes e poderá criar métodos de ensino que ajudem na superação destas, partindo do conhecimento que o aluno já trás e inserindo novas propostas, para que chegue ao seu objetivo.

Segundo Palma et al. (2015, p. 107) a sociedade em quem vivemos revela a instituição escolar como um espaço privilegiado para as experiências de jogos e brincadeiras infantis, especialmente quando se referem àquelas de caráter corporal, sendo que durante muito tempo a rua foi o grande palco de jogos e brincadeiras, como jogar taco e bola de gude, pular amarelinha, pega bandeira, equilibrar-se sobre pés de lata e entre outros.

Podemos perceber que o ambiente escolar é visto como lugar propício a essas práticas, sendo destacado um ponto crucial que essas atividades carregam, o qual pode ser caracterizado como o movimentar corporal, colocar o corpo em movimento. Essa prática

corporal é de extrema importância para o desenvolvimento motor da criança, para desenvolver suas capacidades físicas, as quais são cruciais para a realização de suas necessidades funcionais.

A disciplina de educação física mostra-se como uma opção satisfatória para essas práticas, pois se caracteriza pelo movimentar do corpo, na educação física eles aprendem se movimentando, aprimorando certas capacidades motoras e desenvolvendo outras, tudo isso podendo ser realizado de uma maneira alegre e satisfatória, provocando no aluno um estímulo contagiante, fazendo com que a aquisição do conhecimento seja um processo espontâneo.

O caminho para a educação é complexo e tem que ser trilhado por docente e discente, o educar pode ser construído partindo da realidade dos alunos. As metodologias podem ser diferenciadas, iniciando o objeto de estudo em um contexto diversificado, buscando um início motivador, onde desperte a curiosidade e desenvolva o senso crítico. A inserção do elemento lúdico nesse momento poderá diferenciar a prática pedagógica do docente e proporcionar ao aluno um aprendizado mais prazeroso.

Segundo Kishimoto (2011, p.167) se as finalidades da educação escolar de crianças, adolescentes e adultos são as de contribuir para que seus participantes educandos e educadores aperfeiçoem sua maneira de compreender, interpretar e ajudar a transformar, para melhor, o mundo contemporâneo da natureza e da cultura, torna-se necessária a criação de condições para que tal contribuição aconteça também com relação à produção social de brincadeiras e brinquedos na escola.

3.1 - O LÚDICO

A ludicidade é muito importante em qualquer ambiente educacional, ela é inerente ao ensino da criança, da sua aprendizagem, fazendo com que os alunos se sintam motivados e executem as tarefas estabelecidas pelo professor, ficando com ainda mais vontade de praticar a atividade, porque aquilo o diverte, o alegra, o insere em um ambiente que o deixa satisfeito e faz da aprendizagem um processo proveitoso e cheio de descobertas.

A alegria do brincar desperta no ser humano um sentimento único, um fazer por prazer, uma aprendizagem espontânea, revelando diversas culturas e mostrando a realidade de cada ser. É o momento que mostramos o que realmente somos, como nos comportamos diante das adversidades, nossos temperamentos e atitudes, enfim, nos identificamos sem sermos interrogados.

A motivação é um elemento essencial nas aulas de educação física, o professor precisa de alguma forma trazer os alunos para dentro das atividades e fazê-los praticá-las por prazer, de uma maneira desobrigada, eles precisam ser motivados de alguma maneira e a brincadeira que os mesmos praticam podem ser um elemento motivacional na iniciação do conteúdo, uma forma de inserir os mesmos nas atividades.

Ludicidade é um dos elementos mais importantes no ensino da criança, ela o deixa participativo, fazendo com que a aula não se torne monótona e faz com que o aluno não perca o interesse pela atividade em um curto período de tempo. Ela tem o poder de manter a criança dentro da atividade, proporcionando a ela um momento de alegrias, permitindo um bom desenvolvimento do discente, tanto em relação a fatores cognitivos e motores.

A escola, sendo um ambiente de aprendizagem, deve valorizar o elemento lúdico no ensino das crianças, pois esse fator é característico desses educandos e precisam ser entendidos como inerentes à formação desses seres, cabendo ao professor criar metodologias diversificadas e bem elaboradas, para que esse aluno aprenda o que o mesmo quer transmitir. Elaborar uma aula onde as brincadeiras estejam presentes torna-se crucial para que o docente consiga repassar ao aluno o conteúdo que ele precisa adquirir e a utilização dessas atividades pode ser uma saída bem proveitosa.

Segundo Santin (1996) brincar significa gerar a ludicidade, o mundo lúdico não é real, podendo acontecer em qualquer momento e em variados lugares, acontece simplesmente quando alguém decide brincar, a ludicidade está presente em toda a sua plenitude e acontece de maneira espontânea, sendo que o mesmo ocorre com seu desaparecimento, bastando a criança não querer brincar mais.

É clara a ideia de que a ludicidade pode ocorrer em todos os locais, fazendo uma analogia a essa situação podemos perceber que o ambiente escolar também pode ser compreendido como um desses lugares, um espaço onde o lúdico pode ser trabalhado pelo professor, deixando os discentes contribuírem de maneira ativa para a construção da aula e tenham um bom desempenho nas atividades propostas.

Essas propostas lúdicas em alguns casos não tem espaço garantido no processo de ensino, os educadores de educação física são impulsionados a encontrar talentos e formar atletas, esquecendo que muitos de seus alunos não serão futuros atletas, eles precisam de um

ensino que não veja o aluno como algo que possa gerar rendimentos, mas como um ser humano que precisa de uma metodologia de ensino que o insira e desenvolva-o.

Pela minha percepção e pela maneira como vejo a educação física na escola, ela se tornou, talvez sempre tenha sido, um conjunto de exercícios para corpos saudáveis e não para corpos carentes (SANTIN, 1996). Talvez com o tempo a educação física tenha perdido a sua essência, o seu real significado, precisando ser entendida como uma disciplina que leva a todos os alunos, sem qualquer distinção, a corporeidade.

A educação física não está limitada ao desenvolvimento motor, ela vai muito além do que imaginamos, torna-se até difícil descrevê-la pela amplitude que a mesma alcança, pela sua função na vida do ser humano, como parte do seu crescimento e desenvolvimento. Quando a dimensão que a mesma alcança for compreendida em sua totalidade ela terá sua devida importância nesse contexto de formação do aluno.

A ludicidade nas séries iniciais e mesmo em séries mais avançadas tem um papel de destaque, ela é um elemento facilitador, um fator positivo que diverte e desperta de maneira significativa o prazer ao praticar determinadas atividades, proporciona à criança uma maior autonomia no desenvolvimento da atividade, participando mais ativamente do que lhe é proposto e promovendo a ela um agir de maneira espontânea.

Os pais geram inúmeras expectativas em relação às crianças, estão a todo momento pensando no futuro das mesmas e no que podem fazer para que elas tenham um futuro profissional de sucesso, criam tantas expectativas que acabam esquecendo que essas crianças tem um presente a ser vivido, uma etapa da vida a ser enfrentada e que não pode ser pulada, tem que ser vivenciada.

Quando vemos muitas vezes o interesse de pais e professores em potencializar capacidades nas crianças para que estas possam ser futuramente um adulto bem sucedido no mercado de trabalho, ou ainda querer torná-la um adulto de maneira precoce, forçando sua participação em aulas de música, dança ou outro esporte, atribuindo um sentido estritamente utilitarista ao seu viver, este agir do adulto pode estar roubando o que é mais valioso para a criança, que é justamente o seu tempo de ser criança. (STAVISKI et al., 2013, p.114)

Cada período da vida tem um momento a ser vivido, não podemos deixar de fazer as coisas que são inerentes a essa fase, que fazem parte da construção das potencialidades que são relevantes para o desenvolvimento, para superação das dificuldades. A educação física enquanto disciplina escolar pode ajudar a implementar as atividades lúdicas nas aulas, fazendo com que a criança tenha um ensino alegre e satisfatório.

3.2 - CULTURA POPULAR

As brincadeiras de rua fazem ou já fizeram parte, em algum momento da vida, da realidade da maioria dos seres humanos, seja como um observador dessa prática ou como um praticante direto dessas brincadeiras, aprendendo com os amigos atividades novas, com características diferentes, mas que refletem a cultura de um povo, de uma comunidade. Eles aprendem através dessas práticas a conviver socialmente, a interagir com o semelhante, compreendendo e aceitando suas culturas, suas diferenças.

Segundo Pimentel (2015) as brincadeiras de rua permitem que as culturas populares venham a produzir formas alternativas de permanência e transformação histórica, proporcionando além de uma diversidade de saberes, uma permanência dessa cultura ao decorrer do tempo.

O autor vem confirmar que essas atividades são inerentes à cultura humana, as quais são a própria cultura, sendo que elas sofrem transformações ao longo do tempo, diversificando-se e também produzindo novas formas de brincar, interagir e respeitar as diferenças, sendo importantes para a sobrevivência de uma cultura e da expansão da mesma, concordando com o estudo de Kishimoto (2011):

Muitas brincadeiras preservam sua estrutura inicial, outras modificam-se, recebendo novos conteúdos. A força de tais brincadeiras explica-se pelo poder da expressão oral. Enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem o poder de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária. (KISHIMOTO, 2011, p.43).

Para Arantes (1998) a cultura sofre transformações positivas no decorrer do tempo, mesmo que se priorize a manutenção do tradicional as alterações culturais acabam ocorrendo, ainda que se tente congelar o tradicional para impedir a deterioração. As mudanças são inevitáveis e inerentes ao contexto em que ocorrem, sendo que algumas características acabam sendo preservadas, mas não podemos falar que todas permanecem inalteráveis.

As culturas estão em constantes transformações, algumas práticas como as brincadeiras de rua que são tradicionalmente praticadas e vão passando de geração em geração vão sofrendo certas diferenciações, algumas mudam os nomes, algumas características sofrem mudanças, sua prática é aperfeiçoada, sendo que toda essa evolução que ocorre com o passar do tempo é inerente ao ser humano que a pratica.

As tradições vão se renovando, sendo que essa renovação é necessária para que o tradicional continue permanecendo, a essência dessa cultura continua a mesma, ela é a

identidade de um povo, mostra suas particularidades e permite a compreensão das especificidades daquela comunidade, mas a sua existência e permanência está submetida a algumas mudanças.

O espaço escolar mostra-se como um ambiente favorável para a aplicação dessas atividades, por conter em um mesmo espaço um grande número de alunos, com diferentes saberes, vivências distintas, saberes diversos e uma imensa variedade cultural. Esses discentes interagindo entre si através dessas brincadeiras de rua, irão trocar conhecimentos e um aprenderá com o outro as brincadeiras que fazem parte do cotidiano de cada um.

A brincadeira de rua é um evento social que tem a propriedade de ser um pólo aglutinador de interações. Praticantes de determinada brincadeira tendem a atrair observadores, sujeitos inexperientes ou menos habilidosos, aprendizes em potencial. (PONTES; MAGALHÃES, 2003, p.120)

A rua, do ponto de vista dos adultos, é vista como um lugar perigoso, pouco apropriado para o exercício da liberdade (PIMENTEL, 2015), assim tornando-se inviável que algumas crianças possam brincar nas ruas, pois, em alguns casos, moram em locais onde ocorrem inúmeros delitos, sendo pouco seguro para que pratiquem suas brincadeiras e desenvolvam capacidades físicas inerentes aos seres humanos.

Diante desse quadro, o ambiente escolar, mais precisamente nas aulas de educação física, o professor pode proporcionar aos alunos a prática dessas brincadeiras nas aulas, para que ele possa conhecer melhor a realidade dos discentes, a cultura ao qual estão inseridos e a carga de conhecimento que trazem. Essas atividades ocorrem fora do ambiente escolar, mas de uma forma bastante limitada, diante desse quadro de violência e outros fatores.

O autor deixa claro que a violência é um fator que contribuiu para a diminuição dessas atividades, as crianças passam a maioria do tempo dentro de casa e na escola, não tem liberdade para praticarem essas atividades nas ruas, de interagirem com outras crianças e até mesmo com os adultos, perdendo essa interação social, a qual é de extrema importância para a formação das mesmas. Cabendo à escola, nesse momento tão importante da vida desses seres, proporcionar aos mesmos essas vivências, promovendo assim a valorização desses saberes já adquiridos.

As brincadeiras da cultura popular são citadas na base nacional comum curricular como objetos de conhecimentos a serem aplicados, nas aulas de educação física, nas séries iniciais, onde os mesmos podem experimentar, diversificar e refazer essas brincadeiras. Sendo responsabilidade do professor focar na cultura do discente, como forma de desenvolver o senso crítico dessas crianças, possibilitando suas vivências no ambiente escolar,

especificamente nas aulas de educação física, a qual busca não só o desenvolvimento motor, mas também o cognitivo.

Percebe-se que a base nacional comum curricular deu a devida importância à cultura do aluno, aquilo que o identifica, trazendo a responsabilidade dessas práticas para as aulas de educação física, onde o aluno poderá experimentá-las e diversificá-las. Esse é um elemento facilitador no processo de ensino e aprendizagem, buscando não só o desenvolvimento do conhecimento, mas também a transmissão de culturas, respeito às diferenças e o convívio social.

Importante ressaltar que nesse processo a brincadeira está sempre em construção e reconstrução, cabendo aos discentes esse procedimento de transformação da mesma, mudando a forma como se brinca uma brincadeira ou acrescentando coisas novas. Tudo isso ocorre de forma espontânea, eles as modificam ao decorrer do tempo, mas elas continuam permanecendo ativas, embora diferentes, mas conservando o seu núcleo essencial: o elemento lúdico.

Dessa forma a cultura permanece viva, um pouco modificada, situações essas inerentes com o passar do tempo, mas permanecem para caracterizar o período da infância, pra lembrar de alguma forma o passado, pois nossos familiares mais antigos também vivenciaram as brincadeiras de rua, algumas dessas brincadeiras foram esquecidas e outras modificadas, mas contribuíram de forma significativa para a construção das que temos atualmente.

Segundo Pimentel (2015, p.717) as brincadeiras de rua renovam antigas tradições culturais e vão inventando novas tradições, a exemplo de práticas como pular elástico, onde são incorporados elementos da ginástica rítmica, sendo que a cada prática ocorre um novo desafio, uma nova meta a alcançar, deflagrando assim uma imensidade de saberes, possibilitando à sociedade a expressão de suas culturas e dando continuidade à sua história.

A cultura mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado (MAGNANI, 2003), para o autor a cultura não é algo pronto e acabado, ela está em um processo contínuo de transformação e aprimoramento, sendo que essa cultura pode se manifestar em um espaço determinado, caracterizando a comunidade que ali convive.

3.3 - O ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O aluno precisa participar ativamente no processo de construção do conhecimento, para que se sinta incluído nesse longo caminho ao qual o mesmo irá percorrer durante sua vida,

servindo de base para a formação de um ponto de apoio sólido, onde o aluno terá consciência de sua real importância no processo de ensino e aprendizagem e perceberá que professor e aluno constroem juntos todos os elementos necessários para a aquisição do conhecimento.

Segundo Luckesi (1994, p.86) o conhecimento é a compreensão de algo, o entendimento da sua essência e como operar com ela, não sendo somente uma forma de adquirir e reter informações torna-se um instrumento de aprendizado, sendo depois utilizado como uma forma de sobrevivência.

Diante da visão do autor podemos perceber que a maneira que se processa a elaboração do conhecimento é bastante complexa, sendo necessário não só um entendimento do mesmo, mas está inserido nessa construção, fazendo parte, para que se possa chegar a um completo entendimento da constituição desse conhecimento, o qual servirá para o aluno enfrentar as diversas dificuldades que a vida impõe ao ser humano.

O professor tem um papel de relevante importância no ambiente escolar, ele será um mediador no procedimento de ensinar e aprender, servirá como um guia, um orientador, o qual dará os direcionamentos necessários ao aluno, deixando o mesmo com certa liberdade para estimular a criatividade do discente, onde ele desenvolverá diversos aspectos importantes para sua formação.

Segundo Luckesi (1994, p.115) o professor exerce um papel bastante importante, sendo ele um mediador social, o qual busca relacionar a cultura da sociedade com a especificidade do educando, sendo este educando um ser ativo que se constrói e se aliena, buscando sempre adquirir um novo patamar de conhecimento e assim conseguir novas habilidades.

Podemos perceber que o autor deixa bem explícito que educador e educando caminham juntos, cada um com seu papel típico, mas implementando o vasto campo de transmissão e assimilação do conhecimento, tornando o processo de ensino um procedimento satisfatório para ambos, onde os mesmos irão se desenvolver juntos, aprenderão com o outro e conhecerão o mundo contagiante do aprender.

O docente também precisa levar em consideração a realidade do aluno, o conhecimento que o mesmo já trás em sua bagagem, as suas vivências, suas atividades lúdicas, sua cultura, aquilo que forma a sua identidade, fazendo desse conhecimento já construído um trampolim para a aquisição de saberes novos, os quais serão intermediados pelo professor no ambiente escolar.

O educador dificilmente poderá desempenhar seu papel na práxis pedagógica se não tiver certa compreensão da realidade na qual atua. Precisa compreender a sociedade na qual vivem, através de sua história, de sua cultura, suas relações de classe, suas relações de produção, suas perspectivas de transformação ou de reprodução. Enfim,

o educador não poderá ser ingênuo no que se refere ao entendimento da realidade na qual vive e trabalha. Caso contrário, sua atividade profissional nada mais será que reprodutora da sociedade via o senso comum hegemônico. (LUCKESI, 1994)

Dessa forma podemos perceber que o educando precisa ser entendido como um sujeito comissivo, para que realmente aprenda e se desenvolva, onde o professor coloca a realidade do mesmo no ambiente de ensino e a utilizará como base para a aquisição de novos conhecimentos, partindo dos saberes que o aluno já tem, ficando assim mais dinâmico esse processo, onde o aluno desenvolverá seu físico, psíquico e cognitivo, ampliando, construindo e reconstruindo seu conhecimento, até se chegar a um ser que pensa, cria, aprimora, diversifica e cresce.

Os conhecimentos adquiridos pela criança a partir da vivência dos jogos e brincadeiras praticados em casa, na rua, no centro comunitário, no clube podem e devem ser considerados como ponto de partida para novas aprendizagens no cenário da escola. (PALMA et al. 2015)

Portanto, autores sugerem que os conhecimentos adquiridos nas vivências cotidianas das crianças não podem ser esquecidos, colocados de lado como se fosse algo que não tivesse importância, eles devem ser aproveitados, colocados como ponto de partida para a construção de um conhecimento novo, de uma prática nova, a qual será bem mais proveitosa, pois terá um elemento facilitador que será o aprendizado adquirido através das experiências vividas.

Quando o aluno depara-se diante de uma atividade que ele não conhece, não tem familiaridade, ele fica mais resistente e em alguns casos chega até a não querer praticar a brincadeira ou o jogo, ele fica sem um estímulo inicial. Nesse momento tão importante, o professor assume seu papel de mediador nesse processo de aprendizagem e fornece ao aluno os elementos necessários para motivá-los, para despertar a curiosidade e esses elementos podem ser encontrados em algo que eles já conhecem, nas suas brincadeiras.

Segundo Kishimoto (2011) o mediador deve agir respeitando o interesse do discente e trabalhar a partir de sua atividade espontânea, ouvindo sempre suas dúvidas, seus questionamentos, formulando desafios para se adaptarem e também acompanhando o mesmo na construção do conhecimento, sendo que um ambiente tranquilo e encorajador é fundamental para despertar a autonomia da criança, fazendo com que ele possa interagir de forma confiante com o meio.

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária (FREIRE, 1996). O autor deixa claro que é preciso valorizar o saber que o aluno já tem, as suas experiências, sendo que esses saberes

devem ser inseridos no processo de aprendizagem, relacionando esses conhecimentos com o ensino dos conteúdos; esse papel do professor de mediador do conhecimento irá trazer o contexto social, ao qual este discente está inserido, para dentro do ambiente escolar, valorizando assim, a sua cultura, o seu modo de vida, as suas vivências diárias, vivências essas enriquecidas de conhecimentos, de questionamentos e indagações, as quais são inerentes às práticas cotidianas.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

AS BRINCADEIRAS NO ENSINO E APENDIZAGEM

Os resultados obtidos na pesquisa revelaram que os professores entrevistados, em sua maioria, utilizam em suas aulas as brincadeiras que são do conhecimento dos alunos, que fazem parte do cotidiano dos mesmos. Brincadeiras como a do gato e o rato, amarelinha, elástico, bandeirinha, queimada, dança da cadeira, pira-pega ou jogo de correr atrás, brincadeira do peru e do taco, foram citadas por professores durante as entrevistas. Pimentel (2015) ressalta que as brincadeiras de rua possibilitam a renovação de antigas tradições culturais e vão criando outras, como por exemplo, a prática de pular elástico, para Palma et al. (2015) é um rico instrumento de transmissão cultural.

"Costumo sim utilizar, eu costumo utilizar bandeirinha, principalmente as brincadeiras populares como elástico, até amarelinha também", afirmou o professor Júlio, concordando com esse pensamento a respeito da utilização dessas brincadeiras o professor Alberto citou que atividades como queimada, bandeirinha e taco, fazem parte de suas aulas, sendo que os alunos participam inclusive das regras a serem inseridas nas mesmas, pois segundo ele essas brincadeiras são praticadas pelos alunos em diversos lugares e eles têm certo domínio sobre elas.

Os dados relacionados ao questionamento a respeito das brincadeiras utilizadas nas aulas de educação física mostraram que existe a consciência por parte desses docentes em trazerem brincadeiras que são do conhecimento dos alunos, que fazem parte de suas culturas e constroem as suas identidades. Elas se perpetuam ao longo do tempo, vão sofrendo algumas transformações, mas continuam mantendo sua essência, o elemento lúdico inerente a sua prática Kishimoto (2011), para Cerqueira (2006) existe um saber adquirido através das experiências do cotidiano.

Os docentes afirmam que as brincadeiras ajudam no processo de assimilação do conhecimento, facilitando o processo de ensino e aprendizagem, acreditando que essas brincadeiras são inerentes ao desenvolvimento da criança, sendo importante a utilização no

processo educacional. Cordazzo et al. (2008) afirma que ao brincar as crianças lidam com situações de interação social, elaboram estratégias e testam suas habilidades e trabalham para a resolução de conflitos, fatores estes que contribuem de maneira significativa no processo de ensinar.

Alguns professores restringiram o uso dessas atividades a alguns conteúdos, já outros afirmaram que em todas as aulas as brincadeiras acabavam sendo utilizadas. Cada docente possui as suas particularidades no momento de ensinar, para Luckesi (1994) o professor deve compreender a realidade onde vive e onde desenvolve sua atividade profissional, pois se não entender essa realidade só será mais um profissional que reproduz, no estudo de Freire (1996) o educador não tem apenas a tarefa de ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo, tornando o educando um ser crítico e não um repetidor cadenciado de frases.

Para a professora Fontenelle, as brincadeiras acabavam sendo utilizadas em todas as suas aulas, pois afirmou que dessa forma os alunos aceitam com mais facilidade o que o professor quer ensinar e a maioria deles só tem essa possibilidade do brincar na escola. Concordando com esse pensamento o professor José afirmou que sempre usa as brincadeiras pela necessidade de tornar o ambiente mais agradável para o ensino e aprendizagem, facilitando esse processo.

A escola aqui se mostra como um ambiente em que pode possibilitar a vivência dessas práticas, pois para algumas crianças a prática do brincar acaba ocorrendo na escola, sendo limitada quando fora desses ambientes, Palma et al. (2015) afirma que o ambiente escolar é um espaço considerado privilegiado para possibilitar a experiência das brincadeiras, onde um dia já teve a rua como palco principal. As brincadeiras de rua mobilizam diferentes práticas culturais e indicam expressões das culturas populares (PIMENTEL, 2015).

Também foi comentado o resgate de determinadas brincadeiras, as quais vêm sendo cada vez menos praticadas pelas crianças devido o advento da tecnologia. A cultura lúdica infantil, representada pelos jogos, brincadeiras e brinquedos das crianças, tem-se modificado drasticamente nas últimas décadas à medida que a rua foi desaparecendo como o grande cenário das brincadeiras (PALMA et al. 2015). Foi colocado durante as entrevistas essa situação da possibilidade do brincar, da importância de trazer essas atividades para o ambiente escolar, pois são responsáveis segundo Palma et al. (2015) por uma grande interação social.

"Utilizo muito raramente, tento seguir o que tá sendo trabalhado, só se tiver a ver com o plano de aula, quando eu finalizo o plano o restante do tempo eles ficam à vontade para recreação" (professor Alberto, entrevistado dia 23/04/19), o professor quadros também afirmou que inclui essas atividades dependendo do objetivo da aula.

Para Cordazzo et al. (2008) as horas livres proporcionadas aos alunos para recreação podem ser utilizadas como fontes fornecedoras de elementos que permitam aos professores um conhecimento a respeito do desenvolvimento das crianças e das dificuldades por eles enfrentadas, podendo a partir dessas observações desenvolverem metodologias que possam ajudar na superação dessas pendências. As brincadeiras realizadas nos recreios e nos tempos livres nesta instituição não só não devem passar despercebidos pelos educadores, como também precisam ser resgatados nos contextos das aprendizagens formais, como nas aulas de educação física (PALMA et al. 2015).

O brincar espontâneo gera influência no processo de formação das crianças, e não pode ser negligenciado e considerado aspecto neutro dentro deste contexto (STAVISKI; SURDI; KUNZ, 2013), sendo possível a compreensão de que o tempo em que as crianças brincam livremente pode ser aproveitado de forma significativa, pelo educador, no processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso podemos perceber que todos os professores entrevistados usavam as brincadeiras em suas aulas, pois segundo Pimentel (2015) as habilidades e regras que emergem dessas brincadeiras variam e conferem estatutos pedagógicos a estas. Sendo que uns verificavam primeiramente o objetivo do conteúdo a ser aplicado e as utilizavam e para outros elas já apareciam com mais frequência na sua metodologia de ensinar, pois nessas atividades existe uma das características mais importantes no ensino da criança, a ludicidade, a qual foi citada por todos os discentes como um elemento essencial para o aprendizado e assimilação dos conteúdos, assim sendo os dados colhidos nos remetem que em algum momento essas brincadeiras se faziam presentes no processo de ensino.

Todos os professores entrevistados afirmaram que o elemento lúdico facilita a assimilação dos conteúdos melhorando o processo de ensino aprendizagem, sendo essencial para conseguir ministrar as aulas, para Kishimoto (2011) a brincadeira é um elemento lúdico, onde a criança desenvolve suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas.

A maioria dos professores ao serem questionados a respeito de como se dava o processo de elaboração do trabalho pedagógico em suas aulas citaram a base nacional comum curricular como fonte norteadora para a preparação das mesmas, mostrando que existe uma preocupação desses profissionais em seguir parâmetros orientadores para uma boa aplicação das aulas e que estejam de acordo com as diretrizes recomendadas. A Base Curricular deve contribuir para a melhor condução do trabalho docente (CÂNDIDO; GENTILINI, 2017).

O projeto político pedagógico também foi revelado como parte desse processo de construção das aulas, sendo também realizado reuniões antes do ano letivo para alguns

esclarecimentos sobre a aplicação dos conteúdos. Torna-se absolutamente necessário pensar num Projeto Político-Pedagógico que possa dialogar com a Base Curricular e suas possíveis inovações, garantindo o direito e a valorização da intervenção de todos nessa construção (CÂNDIDO; GENTILINI, 2017).

O CONHECIMENTO ADQUIRIDO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS

Foi ressaltada na pesquisa a resistência que os alunos têm quando se deparam com o novo, com determinados conteúdos que os mesmos não conhecem, mostrando a importância de uma metodologia que considere as vivências dos alunos, suas experiências para que se possa chegar à implementação de coisas não conhecidas, por isso é de relevante importância a troca de saberes. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção (FREIRE, 1996).

Algumas brincadeiras eles já conhecem e as que eles não conhecem eles têm um pouco de resistência, até mesmo porque algo novo assim eles ficam um pouco com o pé atrás né, mas eles acabam participando da aula sim, eu costumo trazer sempre alguma coisa, uma novidade e resignificar alguma coisa também que eles já conhecem, alguma brincadeira popular, algum jogo que eles já conhecem também (PROFESSOR JÚLIO, entrevistado dia 03/05/2019).

Para Palma et al. (2015) os saberes que os alunos trazem adquiridos através de suas vivências podem e devem ser considerados como ponto de partida para novas aprendizagens no ambiente escolar. O autor nos remete a importância de considerar esses saberes, pois os alunos já trazem suas experiências, seus conhecimentos adquiridos nas vivências do cotidiano e considerá-las são deixá-los fazer parte ativamente desse processo.

Os professores afirmaram que essa troca de saberes é importante, pois eles precisam conhecer os alunos, suas particularidades, a realidade a qual estão inseridos, as suas experiências, assim os mesmos irão identificando o que eles gostam, as suas dificuldades e a partir desse momento irão desenvolver metodologias que consigam contextualizar o que o aluno já sabe com o que ele deve aprender, fazendo uma ponte eficiente entre as suas vivências e o conhecimento a adquirir. Freire (1996) afirma que não se pode desconsiderar nas relações político-pedagógicas o saber adquirido pela experiência.

O aluno precisa se sentir parte do processo, afirmaram os docentes, isso faz com que a aula seja mais proveitosa, favorecendo bastante o ensino e aprendizagem, a criança vai trazer a sua cultura para dentro do ambiente escolar e repassará aos outros alunos, pois segundo os professores entrevistados, isso enriquecerá o ensino, pois o que uma criança tem a outra não tem. Freire (1996) acredita que ensinar exige o reconhecimento da identidade cultural, respeito aos saberes dos alunos e a sua autonomia. Esta aprendizagem, na qual o aprendiz

tenta aprender não a partir do outro, mas através do outro, é denominada pelos autores de aprendizagem cultural (PONTES; MAGALHÃES, 2003).

A criança ela não tá pronta e a gente não vai aprontar ela, ela vai trazer a cultura dela pra dentro da sala de aula de educação física e isso é muito interessante porque o que um aluno tem o outro não tem e essa vivência entre eles, essa convivência e essa experiência vai somar e muito pra vida deles, não só pra agora, mas também pra vida futura deles (PROFESSORA LÍVEA, entrevistada dia 25/04/2019).

Portanto, foi identificado no presente estudo a concordância entre os educadores em relação a considerar como de relevante importância a inserção dos conhecimentos trazidos pelos alunos no ensino e aprendizagem, fazendo com que eles sintam-se parte do processo e sejam sujeitos ativos na construção do conhecimento: "os alunos trazem muita coisa boa de casa, muita coisa nova, a gente vai trocando os saberes", disse o professor Lemos. Concordando com o estudo de Pimentel (2015), o qual afirma que existe uma diversidade de saberes que circulam entre os participantes das brincadeiras de rua, ou seja, esse saber vai ser levado pelo aluno para o ambiente escolar, é um saber adquirido através das vivências do cotidiano e não pode ser negligenciado no ensino e aprendizagem.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR

Os docentes afirmaram levar em consideração os conhecimentos dos alunos e que utilizavam na aplicação de suas aulas, mas também se mostraram preocupados em trazer coisas novas para adicionar, utilizando o conhecimento do aluno como base para aplicar novos conteúdos. "eu sempre uso o que eles sabem e aí eu vou aumentando a dificuldade, colocando alguma coisa a mais", afirmou professor Lemos. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar (FREIRE, 1996).

O aluno precisa ser instigado, estimulado, motivado a buscar o conhecimento, a participar ativamente do ensino e aprendizagem e o professor funcionará como um mediador nesse processo. "Não é só eu que trago, a gente faz pesquisa de brincadeiras tradicionais, pra eles pesquisarem com os avós, com as mães...", disse a professora Lívia. A esperança de que professor e aluno juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos (FREIRE, 1996).

Diante disso, os dados colhidos revelaram que os docentes não só utilizam os conhecimentos já adquiridos pelos alunos no planejamento de suas aulas, mas também se preocupam em trazer novos conteúdos, para que os alunos se desenvolvam e cheguem a novos patamares de desenvolvimento. Para Luckesi (1994) o professor funcionará como um mediador no processo de ensino e aprendizagem, o qual deve compreender a realidade no qual

atua, relacionando a cultura da sociedade com as particularidades dos alunos, sendo esses discentes seres ativos que estão em um processo contínuo de construção do conhecimento.

Eu utilizo das duas situações, muitos temas assim ...muitos conteúdos a gente começa partindo do que eles conhecem pra depois a gente construir juntos outras brincadeiras, tem alguns momentos das aulas que ficam (pausa) eu fico direcionando as atividades e em alguns outros momentos eu deixo mais livre pra eles estarem refazendo as brincadeiras ou trazendo as brincadeiras que eles têm maior acesso na vida deles (PROFESSORA FONTENELLE, entrevistada dia 30/04/2019).

Desse modo, os professores entrevistados concordaram com o estudo de Palma et al. (2015), onde foi enfatizado que os educadores de educação física exercem o papel de mediador na aprendizagem e desenvolvimento do aluno, sendo que esses mediadores devem dar oportunidade aos seus alunos para estes sejam os reais autores de sua infância, onde eles podem construir e reconstruir suas brincadeiras. "... eles já trazem um acervo cultural, o que eu faço é contextualizar para ter a ponte ensino e aprendizagem", disse o professor Júlio.

Quando vemos o interesse de pais e professores em potencializar capacidades nas crianças, atribuindo um sentido estritamente utilitarista ao seu viver, este agir pode estar roubando o que é mais valioso para a criança, que é o seu tempo de ser criança (STAVISKI; SURDI; KUNZ, 2013). Os autores deixam claro que as crianças tem uma fase da vida que não pode ser negligenciada, pois essa fase é crucial para o seu desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, podemos perceber que as brincadeiras de rua podem ajudar de forma significativa no processo de formação das crianças, pois elas possibilitam múltiplas vivências, relacionadas tanto com o cognitivo, motor e afetivo da criança. Elas permitem que as culturas sejam transmitidas, que sofram transformações durante suas vivências, mas mantendo sempre a ludicidade como característica inerente à sua prática, essas brincadeiras permitem uma interação social entre as crianças, elas aprendem a conviver com o outro, respeitando as diferenças e compreendendo suas dificuldades.

Os professores entrevistados utilizam essas brincadeiras no ambiente de ensino, uns utilizam de uma forma menos abrangente, já para outros elas se fazem presentes de uma maneira mais ampla, com mais frequência, o que nos permite concluir que todos utilizavam essas atividades, mas com frequência diferente. Os docentes afirmaram a importância de trazer a realidade do aluno para dentro do ambiente escolar como forma de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, e nesse processo professores e alunos trabalham juntos.

Portanto, as brincadeiras de rua são advérbios culturais, que resistem e se propagam no tempo, transformam-se, vão se renovando ao decorrer dos anos e continuam fazendo parte da infância de muitas crianças, mas devido a alguns fatores as brincadeiras de rua deixaram de ser praticadas com mais frequência, sendo que essa prática no ambiente escolar seria uma forma de resgatar essas vivências dos alunos, valorizar suas culturas e melhorar o processo de ensino e aprendizagem da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: ed. 8, Brasiliense, 1983.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 1977.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CÂNDIDO, R. K; GENTILINI, J. A. Base Curricular Nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político-Pedagógico. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. V. 33, n. 2, 2017.
- CERQUEIRA, T. C. S. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Revista de psicologia da vetor editora**, v.7, n.1, p. 29-38, 2006.
- CORDAZZO, S. T. D; WESTPHAL, J. P; TAGLIARI, F. B; VIEIRA, M. L; OLIVEIRA, A. M. F. Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. **Avaliação Psicológica**, v.7, n.3, p. 427-438, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, M. A. D. S; ALMEIDA, M. C. P; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.20, p. 130-142, 1999.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço cultura popular e lazer na cidade**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 2003.
- MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2012.
- PALMA, M. S; ALMEIDA, B. G. S; TURCATI, V. B; PONTES, M. F. P. Jogos tradicionais no contexto educativo. **Revista Kinesis**, v.3, n.2, p.99-113, 2015.
- PIMENTEL, A. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Revista Brasileira de Educação**, Maceió, v.20, n.62, p. 703-721, 2015.

PINTO, Tatiane; LOPES, Maria de Fátima. Brincadeiras no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 2, p. 861-885, 2009.

PONTES, F. A. R; MAGALHÃES, C. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.16, n.1, p.117-124, 2003.

PONTES, F. A. R; MAGALHÃES, C. M. C. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.18, n.2, p.213-219, 2002.

SANTIN, S. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. 2. ed. Porto Alegre: Suliani, 1996.

STAVISKI, G; SURDI, A; KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: A pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Florianópolis, v.35, n.1, p.113-128, 2013.

APÊNDICE 1

Roteiro de entrevista

FICHA DO PERFIL DOS/AS ENTREVISTADOS/AS

Nome: _____

Idade: _____

Sexo/ Gênero: _____

Raça/ Cor: _____

Escola onde trabalha: _____

Quanto tempo trabalha na área da Educação Física: _____

Onde realizou a graduação: _____

Tem outras formações: _____

ROTEIRO DE PERGUNTAS

1 – Como você organiza suas aulas?

2- O que você pensa a respeito do elemento lúdico nas aulas de educação física?

3- Você utiliza alguns tipos de brincadeiras em suas aulas? Quais e por quê?

4- Essas brincadeiras que você utiliza são do conhecimento dos alunos ou você prefere trazer algo novo para aplicação de suas aulas?

5- Os conhecimentos que os alunos trazem, adquiridos através de suas vivências, são levados em consideração na aplicação de suas aulas? Como?

6- O que você pensa sobre considerar os saberes que os alunos trazem das suas vivências no processo de ensino e aprendizagem?

APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O professor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa denominada: **BRINCADEIRAS DE RUA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RESGATE DAS VIVÊNCIAS DOS ALUNOS**. Cujos objetivos são compreender a construção e elaboração das aulas de Educação Física, considerando os conhecimentos trazidos pelos alunos, através de suas vivências, como parte nesse processo de ensino e aprendizagem, realizado pela acadêmica Keila de Souza Freitas, aluna regularmente matriculada na Faculdade de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, sob a orientação da Professora Doutora Lilian Silva de Sales. Sua participação será no sentido de fornecer informações através de uma entrevista para saber como se dá a construção de suas aulas. Onde receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que o permitam identificá-lo(a).

O(a) professor(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo ou justificativa. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa, por meio da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos às suas dignidades.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o acadêmico citado e a orientadora terão conhecimento dos dados. Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do e-mail: freitaskeila@hotmail.com; ou pelo telefone (91) 99971-5108.

O (a) professor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Autorizo execução desse trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.


Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar desta pesquisa.


Castanhal, _____ de _____ de 2019.

Assinatura

ANEXO 1



PREFEITURA MUNICIPAL DE CASTANHAL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



50 SEMED
"Educação para ser Melhor"

Ofício nº 66/2019/CE/SEMED/PMC.

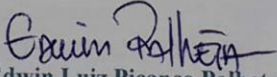
Castanhal, 17 de abril de 2019.


À Senhora
Prof. Dr^a Lilian Silva Sales
Faculdade de Educação Física- UFPA

Assunto: Em resposta ao ofício nº065/2019

A Secretaria Municipal de Educação de Castanhal – SEMED, através da Assessoria de Educação, encaminha a esta instituição, conforme solicitação feita através do ofício nº065/2019, via documento anexo a lista de professores de Educação Física que atuam no ensino fundamental do 1º ao 5º ano, bem como a lista de unidades de ensino.

Atenciosamente,


Prof. Edwin Luiz Picanço Palheta
Coordenador de Ensino
Portaria nº 192/19



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED
Avenida Altamira nº 200 – Bairro: Nova Olinda – CEP 68.741 – 320 Castanhal – Pará
E-mail SEMED: educacao@semmed.pa.gov.br PMC: www.castanhal.pa.gov.br